



**CONEDU**  
Congresso Nacional de Educação  
18 a 20 de Setembro de 2014

## **GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Alberring Bruno da Silva Lima  
Discente do curso de Educação Física do CEF/CAMEAM/UERN  
alberring\_15@hotmail.com

Ms. Helder Cavalcante Câmara  
Docente do Curso de Educação Física do CEF/CAMEAM/UERN  
redlehcc@gmail.com

### **Considerações Iniciais**

As aulas de Educação Física (EF), significam muito mais do que simples atividades corporais, visto que, podem possibilitar além do desenvolvimento motor, a apreensão de conhecimentos, de concepções, de valores, bem como a autonomia para um agir reflexivo, aspectos esses, indispensáveis para a vivência em sociedade.

Partindo dessa premissa, poderíamos dizer, que é de fundamental importância que todos os alunos participem das aulas de Educação Física, pois, assim, eles vivenciarão experiências que servirão como base para desafios futuros, tornando um ser que possa produzir, reproduzir e transformar a sociedade em que vive.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, discutindo a relevância dessa disciplina para todos, destaca que “a Educação Física escolar deve dar oportunidades para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento entre seres humanos” (BRASIL, 2008, p. 29). O professor, nessa perspectiva, deve oportunizar aos educandos o desenvolvimento de suas potencialidades, democratizando o acesso às práticas corporais realizadas na escola.

Dadas essas assertivas, o professor teria papel de facilitador para “garantir” a inserção dos alunos nesse espaço de reflexão, atuando como mediador na apropriação reflexiva dos conhecimentos. Outro aspecto a considerar é que, a participação dos alunos nas atividades não deve ser destituída de uma reflexão crítica sobre o papel de si e do outro nas relações

---



que nelas se estabelecem. A sala de aula é, nesse sentido, espaço acessível em que a interação e respeito mútuo devem se constituir como efetivos.

Mesmo considerando que a Educação Física deveria ter efetiva atuação na formação dos alunos e que suas práticas pedagógicas possibilitariam a eles o acesso e vivência co-participativa, em que meninos e meninas atuariam juntos e em igualdade, o que se percebe é que concretamente isto não é uma realidade. Na maioria das vezes, conforme pontua Costa (2002), as aulas são caracterizadas pela separação por gêneros.

Levando em consideração os argumentos elencados acima, surge-nos duas questões: É possível afirmar que não aulas de Ed. Física há uma ênfase significativa em relação ao esporte centrado no desempenho físico e técnico? As aulas privilegiam mais os meninos, devido biologicamente desenvolverem melhor suas capacidades físicas como força, velocidade, resistência em relação as meninas?

Essas questões e os aspectos que apresentamos, anteriormente, tem nos permitido refletir sobre alguns pontos referentes ao que está sendo enfatizado nas práticas da Educação Física e nos conduz a outra reflexão maior, a qual será nossa proposição de partida: a Educação Física estaria participando do processo de formação dos alunos de forma democrática e não seletiva, em se tratando de gênero?

### **Objetivos**

Analisar a percepção dos professores sobre a questão gênero nas práticas de Educação Física escolar.

### **Metodologia**

Para que os objetivos deste trabalho fossem alcançados, optamos pela abordagem qualitativa, a qual, visa investigar o entrevistado analisando a forma como os mesmos abordam os conteúdos em suas aulas práticas.

Esta pesquisa teve como sujeitos os professores de Educação Física do Ensino Médio da rede pública de Pau dos Ferros RN, mais pontualmente, os que atuam nas escolas Dr. José Fernandes de Melo e Prof.<sup>a</sup> Maria Edilma de Freitas.

---



Foi investigada a realidade do Ensino Médio a partir do olhar dos professores. A abordagem foi dada a partir da realização de uma entrevista para todos os três professores da Educação Física que atuam nas duas referidas instituições. Utilizou-se a entrevista como método para coletar as informações que se constituíram como subsídio para fomentação dessa investigação.

### **Resultados e Discursões**

As reflexões que pontuamos, ao longo deste trabalho, são importantes para pensar as questões relativas ao gênero, principalmente, para identificarmos compreensões que possam explicar os motivos que conduzem a construção da identidade de gênero na sociedade e sua reprodução.

Identificamos como necessário analisar tanto as percepções, como também a organização das aulas, visto que essa organização, em certa medida, faz-se a partir das percepções que temos. O que construímos é também produto do dialogo que fizemos com nossas próprias compreensões e convicções.

A partir de nossa análise, pudemos identificar, que a organização das aulas dos professores entrevistados A e B, configuram-se conforme um modelo de aula mista, na qual meninos e meninas dela participam. Haveria a democratização do acesso às referidas práticas, no entanto, as aulas mistas não seriam suficientes para garantir uma atuação coeducativa. Segundo Costa (2002, p. 43) a “co-educação considera a igualdade de oportunidades entre os gêneros, mas escola mista não possui o mesmo significado da escola coeducativa”.

Já a dinâmica das aulas do professor C apresenta outra configuração. Nessa, a atuação de meninos e meninas ocorre em espaços independentes e realizando ações distintas. Essa separação ratifica os estereótipos construídos social e culturalmente. Reproduz-se, como diria Bourdieu (2002), uma visão androcêntrica de mundo, pois reproduz uma organização que tem o homem como centro de decisório, para quem as ações são destinadas. Ratificam-se as separações espaciais e hierarquizam-se os gêneros.

---



**CONEDU**  
Congresso Nacional de Educação  
18 a 20 de Setembro de 2014

Tal aspecto nos leva a inferir que é de suma importância que os alunos tenham as práticas coeducativas exercidas frequentemente, fazendo com que eles possam entender e vivenciar que a união entre meninos e meninas deve ser consolidada, não havendo qualquer espécie de ação que reforce a separação entre gêneros.

Quanto a percepção dos professores referente à questão “gênero”, pudemos identificar que ainda há limitações em suas compreensões.

Para o Entrevistado A o gênero está muito atrelado a questões relativas à sexualidade, mais especificamente a opção sexual, pontuando a necessidade de inclusão de todos, independentemente de sua orientação sexual.

Essa compreensão a nosso ver é equivocada, pois reduz o gênero a um único aspecto, o que dificulta uma ação pedagógica voltada para a coeducação, visto que o Professor Entrevistado A não percebe divisão efetiva entre os gêneros masculino e feminino, a não ser quando se associa a opção sexual.

Já o entendimento do Professor Entrevistado B sobre gênero, insere-se em uma ótica mais crítica. Destaca que o gênero estaria muito além de sexo (menino e menina), enquanto organismo biológico. O gênero seria uma criação cultural e, muitas vezes, carregada de equívocos de compreensões. Ressalta, ainda, a necessidade de não divisões entre as pessoas. Mesmo havendo diferenças físicas entre elas, não há nada que comprovasse que não seríamos iguais.

Percebe-se no discurso do Professor Entrevistado B que o gênero está eminentemente relacionado às construções sociais, que separa os gêneros; no entanto, é enfático ao destacar a necessidade de ressignificar essas compreensões e vivências.

O Professor Entrevistado C não demonstra uma compreensão clara sobre gênero, associando a individualidade e pontuando a necessidade de ser trabalhado nas séries iniciais do Ensino Fundamental, bem como até o Ensino Médio, todavia, não apresenta um conceito ou uma construção textual que mostre seu entendimento.

---



Quanto à percepção dos professores é fato que algumas de suas compreensões e atitudes referentes ao assunto foram historicamente edificadas e, sendo assim, aderidas a pele, como diria Morin (2007), um *imprintig* cultural, que marca os humanos desde o nascimento e prossegue durante toda a vida. Firma-se um costume que, apesar das mudanças ao longo dos anos, ainda apresentam vestígios imbrincados no ser. Vale lembrar, que a sociedade em que vivemos é pautada na visão androcêntrica, a qual, Bourdieu (2002, p. 18), “[...] impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar nos discursos que visem legitimá-la”. Em relação a isso, o autor pontua que a ordem social funcionaria como uma imensa máquina simbólica e que tenderia a ratificar a dominação masculina, sobre a qual essa mesma ordem social alicerça-se.

### **Considerações Finais**

Poderíamos constatar, na compreensão dos professores de Educação Física do Ensino Médio da rede pública de Pau dos Ferros /RN, que fizeram parte dessa pesquisa, que não há coerência nos discursos, bem como ainda predomina um entendimento limitado sobre o que seja gênero.

Neste caso, a escola, sem ignorar a influência dos pais deveria exercer função essencial na construção desses princípios, já que é onde a vida social das crianças se concretiza.

Apesar de serem biologicamente diferentes, meninos e meninas devem e tem o direito de serem educados juntos. A educação não separa; todos devem aprender de forma coexistencial e, nessa perspectiva, o professor tem o papel de fazer com que aconteça essa interação entre todos. Cabe a ele não apenas ministrar as aulas, mas educar os aprendizes para a vida.

### **Referencias**

- BRASIL. Secretaria do ensino fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** – V. 7 – 3º e 4º ciclo. Brasília: MEC/CEF, 1998.
- BOURDIEU Pierre et al. **A dominação masculina** – 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.
- COSTA, Maria Regina Ferreira et al. **Educação Física e a Co-educação: Igualdade ou Diferença?** Rev. Bras. Cienc. Es/porte, Campinas. V. 23. N. 2. p. 43-54, jan. 2002
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2007
-